

Desventuras do Pós-Independência em Moçambique: Nacionalismo, Guerra Civil e Memória Coletiva

Andressa da Silva Machado¹, UNIASSELVI

Resumo

O presente artigo apresenta as principais contradições do projeto político nacional da Frelimo, em sua tentativa de construção de uma consciência nacional no pós-independência em Moçambique. É possível identificar alguns aspectos que interagiam e moldaram a memória coletiva do povo moçambicano com relação à guerra civil, como no romance *Ventos do Apocalipse* de Paulina Chiziane, onde a autora enuncia, de forma crítica ao governo socialista e unipartidário em Moçambique, uma narrativa literária que pode ser analisada como fonte histórica.

Palavras-chaves: Moçambique. Nacionalismo. Guerra civil. Literatura. História da África.

Abstract

This paper presents the main contradictions of Frelimo's national political project, in its attempt to build a national consciousness post-independence in Mozambique. It is possible to identify some aspects that interacted and shaped the collective memory of the Mozambican people in relation to the civil war, as in the novel *Ventos do Apocalipse* by Paulina Chiziane, where the author critically enunciates the socialist and unipartisan government in Mozambique, a literary narrative that can be analyzed as a historical source.

Keywords: Mozambique. Nationalism. Civil war. Literature. History of Africa.

Introdução

No continente africano, durante a segunda metade do século XX, ocorreram diversos processos de lutas contra o colonialismo europeu, fundamentando as bases históricas do surgimento de novos Estados-Nação. O novo ciclo forjou as nações independentes africanas e com Moçambique não foi diferente: nesse sentido o tema trabalhado no artigo será as contradições do nacionalismo em Moçambique, a Guerra Civil e a memória coletiva como herança do trauma do conflito armado no pós-independência, a luz dos conceitos do que seria a consciência nacional de Frantz Fanon e memória coletiva de Michael Pollak. A delimitação do tema foi definida no pós-independência moçambicano, a partir de 1975, onde a FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) - sob o comando de Samora Machel - toma frente da nova nação. Com a implantação do projeto político nacional, a tentativa de forjar o Homem Novo e os conflitos com a RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana), vê-se a eclosão da Guerra Civil, levando a criação de uma memória coletiva que pode ser analisada historicamente através da produção literária.

¹ Especialista em História e Cultura Afro-brasileira pela UNIASSELVI, Licenciada em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul 2018/2. E-mail: asmachado1994@gmail.com.

A partir dessas especificações, quais as contradições do projeto político nacional da Frelimo relacionado a Guerra Civil e a memória coletiva representada em *Ventos do Apocalipse* de Paulina Chiziane? Para responder o questionamento, as hipóteses levantadas referem-se ao pós-independência em Moçambique, onde é instituído o unipartidarismo baseado no marxismo-leninismo, deflagrando conflito com a anticomunista RENAMO, que não teve suas demandas atendidas e não concordou com o projeto nacionalista, iniciando-se a Guerra Civil em 1977. O conflito armado ensejou uma memória coletiva na população moçambicana com relação aos anos de guerra, sendo substrato histórico da produção literária que vai representar e criticar as consequências deste conflito para a jovem nação. Com base nisso, o objetivo principal é analisar as contradições de uma consciência nacional e cultura nacional no governo. Os objetivos específicos são identificar os principais pontos que desencadearam a Guerra Civil, e compreender como a memória coletiva marcou o povo moçambicano levando a produção literária criticando o projeto político nacional da Frelimo.

Referente aos aspectos teóricos metodológicos, o estudo é de natureza teórica e abordagem do tema é qualitativa, para a realização dos objetivos foi uma pesquisa descritiva explicativa, onde os procedimentos técnicos estão baseados na análise bibliográfica. Em termos de ferramentas intelectuais para análise do objeto de estudo, utilizamos os conceitos: *Consciência Nacional* de Frantz Fanon; *Nacionalismo* de Fernando Catroga; e *Memória Coletiva* de Michael Pollak.

Para Fanon (2010), consciência nacional deveria ser um conjunto de ambições que representam o povo e não apenas um mecanismo de dominação que vai acarretar em dificuldades para novas nações independentes como Moçambique, que no pós-independência vai ter o discurso nacionalista perdendo a ligação orgânica com população. Nacionalismo, segundo Catroga (2008), é definido como preferência de tudo que está relacionado a nação, ou doutrina do partido político que colocar essa preferência como princípio, podendo ser usado em reivindicações políticas, vai ser esse nacionalismo reivindicatório dando origem a nações como Moçambique. Pollak (1989) afirma que a memória coletiva é constituída de hierarquias e classificações em comum para determinado grupo, criando o sentimento de pertencimento e laços socioculturais. Essas questões, que vão ser abordadas através da fonte literária, no romance *Ventos do Apocalipse* de Paulina Chiziane; que narra a aproximação da guerra na região de Macuacua, misturado com a fome, seca e conflitos tribais representados por Sianga, um antigo régulo, que vai tentar reaver seu poder fazendo alianças com grupos armados inimigos do governo vigente, colocando em destaque a insatisfação do povo naquele

momento histórico, que vai representar a memória do povo moçambicano com relação a Guerra Civil e ou governo socialista instaurado pela Frelimo no pós-independência.

Para a utilização de uma obra literária como fonte e no intuito de alcançar os objetivos do estudo, deve-se levar em conta, conforme Borges (2010), que representações literárias possuem interesses sociais, principalmente nos grupos em que são produzidas, relacionando a posição social com os discursos contidos no texto, porque a mentalidade dos grupos sociais não são neutras. Conforme as suas regras de produção se aproximando do real, cria um mundo possível, dialogando com a realidade e legitimando o que existe e propondo algo novo, podendo negar ou reafirmar algo, romper ou manter algo, ou seja, reconstrói o passado e inventa o futuro tendo como critério a semelhança com o real. Na análise de fonte literária, o historiador deve se manter atento às representações construídas a partir do entendimento do autor sobre a realidade que está inserido, do dito e do não dito.

Contradições do Nacionalismo em Moçambique

Em 1962 - através da união de diversos grupos que deram origem à FRELIMO - defendia-se um nacionalismo anticolonial contra a metrópole. Em 1967 as orientações políticas a esquerda estavam se tornando mais relevante, e o grupo opta por uma orientação socialista revolucionária. Segundo Moloa (2011), essa decisão vai causar um racha entre os militantes, um lado chamado de *revolucionários* e de outro os denominados *reacionários*, sendo a inspiração marxista uma tendência. Essa orientação à esquerda adotada pela FRELIMO é produto da Guerra Fria e pelos seus contatos com a União Soviética e demais países socialistas, dos quais ganhava apoio militar, sendo menos provável que adotassem o capitalismo. Após dez anos de luta armada, em 25 de junho de 1975, Moçambique se tornou independente de Portugal e a FRELIMO, com o intuito de produzir para a jovem nação uma nova estrutura política e social a partir da criação do Homem Novo; em 1977, no III Congresso foram publicadas as teses que embasavam a transformação da Frente de Libertação em um partido marxistas-leninista de vanguarda (operária-camponesa), que ganhava essa nomenclatura para encobrir práticas samorianas (MALOA, 2011, p.90). O partido Frelimo², a partir desse momento torna-se o fio condutor do Estado, instituindo o unipartidarismo, um

²Segundo Paredes (2014, p.157), “A distinção entre FRELIMO e Frelimo busca chamar atenção para a diferença entre uma frente ampla de movimentos políticos reunidos no combate anticolonial, no período pré-Independência, e a transformação desta em partido político único e com uma orientação ideológica definida. No primeiro caso, trata-se de uma sigla e por isso é escrito em letras maiúsculas; no segundo, trata-se de um nome de agremiação política.”

estado centralizado, e um projeto nacionalista. Basílio (2007, p.3) aponta os seguintes elementos sobre o

[...]projeto da Frelimo: a) criação da sociedade nova e do Homem Novo, com a mentalidade livre e revolucionária; b) construção de uma nação e de um estado moçambicanos seguindo os princípios da modernidade e c) desenvolver a economia agrícola e industrial.

Como presidente de Moçambique, Machel vai alargar as responsabilidades da Frelimo não apenas libertar o povo, mas organizar o Estado Nacional, a Nação e a Sociedade moçambicana, que seriam as bases para o Homem Novo, e vem ao encontro de Catroga (2008, p.35) com relação a essas responsabilidades e preferências. Nessa questão Fanon (2010, p.198) aponta,

O partido, hoje, tem por missão fazer chegar ao povo as instruções que emanam da cúpula. Não há mais aquele vaivém fecundo da base à cúpula e da cúpula à base, que funda e garante a democracia num partido. Ao contrário, o partido se constituiu como um anteparo entre as massas e a direção.

Pode-se entender que essa ampliação realizada por Machel fez com que a Frelimo atua-se de formar vertical na sociedade moçambicana, sem atentar-se as particularidades entre cidade e campo. Verificamos no discurso realizado na cidade da Beira em janeiro de 1980, Samora Machel vai tentar preencher a lacuna referente ao que seria a nação personificada no “povo”, tentando neutralizar particularidades, regiões e tribalismos dizendo: “nós matamos a tribo para fazer nascer a nação”(MACAGNO, 2005, p.8). Em contrapartida para Fanon (2010, p. 233)

O nacionalismo não é uma doutrina política, não é um programa. Se quisermos verdadeiramente evitar ao país esses retrocessos, essas paradas, essas falhas, é preciso passar, rapidamente, da consciência nacional para consciência política e social. A nação não existe em parte alguma, a não ser num programa elaborado por uma direção revolucionária e retomado lucidamente e com entusiasmo pelas massas.

Faz-se explícito um dos problemas do projeto nacional da Frelimo, que era a constante luta para criar uma consciência nacional, sem atender às particularidades regionais (cidade e campo) e da população. Instituiu um Estado centralizado, fazendo intervenções na produção e distribuição de bens e serviços, combatendo o individualismo e a propriedade privada para eliminar a luta de classes (BASÍLIO, 2017, p.6). Na tentativa de construir a identidade nacional através do projeto do Homem Novo, Paredes (2014, p. 140) aponta que esse elemento,

Merece alguma reflexão a designação de “palimpsesto” cultural para Moçambique. Como se sabe, um palimpsesto significa etimologicamente o “riscar de novo”. Sua

utilização para a formação cultural moçambicana remete ao caráter de reescrita, ressignificação e, sobretudo, para a existência de múltiplas camadas de significado ou de “presenças/ausências” culturais. Simboliza, resumindo, a impossibilidade de recuperação total de uma postulada essência original.

Compreende-se então que o palimpsesto³ cultural em Moçambique seria o projeto de nação baseado num idealismo romântico revolucionário vindo de Machel e da Frelimo acreditando que conseguiriam apagar o passado tribal e colonial⁴ do povo moçambicano, fazendo uma transformação em nível macrossocial e individual. O Homem Novo significava um militante com uma nova mentalidade com ideias revolucionárias e que tivesse consciência da capacidade transformadora da sua força de trabalho. Para isso como indica Basílio (2007, p.5), o estado vai celebrar o casamento entre a educação e a ideologia, sendo assim, a educação um instrumento de criação das novas mentalidades, já que o acesso ao ensino era universal para difundir a coesão do povo ignorando as diferenças étnicas. Ainda na tentativa de construção de um estado centralizado e do novo cidadão moçambicano, observa-se a experiência da Operação Produção⁵ a partir de 1981 que era um projeto de reeducação popular em campos de cultivo chamado de machambas no interior de Moçambique (PAREDES, 2014, p.149). As machambas eram uma forma de ir contra as alianças entre os líderes rurais e colonos, sendo usado para criar um cidadão alinhado ao Estado. Dentro desta perspectiva de Fanon (2010, p. 209) diz,

Quando se afirma a necessidade de politizar o povo, decide-se mostrar, ao mesmo tempo, que se quer ser apoiado pelo povo na ação que empreende. Um governo que declara querer politizar o povo expressa o seu desejo de governar com o povo e para o povo.

Destaca-se então mais umas das contradições da tentativa da construção de uma consciência nacional, que é a falta de ligação orgânica entre povo e o governo não conseguindo compreender e nem se identificar com o desejo da Frelimo por ser um projeto político importado do ocidente, que acaba por não contemplar a população tradicional. Não se pode esquecer dos dissidentes da Frelimo, que vão ser os principais opositores ao governo

3 Palimpsesto designa um pergaminho ou papiro cujo texto foi eliminado para permitir a reutilização. Tal prática foi adotada na Idade Média, sobretudo entre os séculos VII e XII, devido ao elevado custo do pergaminho.

4 Por fim, denuncia-se que a facilidade com que os portugueses teriam conquistado Moçambique teria sido “em grande parte o resultado das divisões tribais e étnicas do nosso povo”. Os portugueses teriam usado a regra do “dividir para dominar”, numa “tática tipicamente imperialista” (PAREDES, 2014, p. 142).

5 Destaca-se a forte experiência da chamada Operação Produção. Organizada a partir de 1981, tratava-se da organização do projeto de reeducação popular em grandes campos de cultivo rural- as machambas- localizados no interior do país, sendo a maioria no norte do país, nas regiões de Cabo Delgado e Nampula (PAREDES, 2014, p. 149).

desencadeando a Guerra Civil por não concordarem com as decisões tomadas no pós-independência, em especial com relação ao novo projeto de nação.

Guerra civil e nacionalismo

Após a independência iniciaram-se os conflitos raciais entre os residentes brancos e moçambicanos acarretando na emigração da população branca, que consigo levou seus investimentos e destruiu suas possessões causando a perda de capital para Moçambique. Com a ideia de nacionalização da economia e banimento da propriedade privada acaba entrando em crise; ao mesmo tempo observava-se a Rodésia do Sul vivendo uma independência unilateral não reconhecida pelo mundo. A Frelimo apoiava os rebeldes rodesianos e a mando da ONU (Organização das Nações Unidas) fechou as fronteiras interferindo no abastecimento, os rodesianos passam a atacar estradas, pontes e fontes de abastecimento dentro de Moçambique intensificando a crise do país. Neste momento com o apoio da Rodésia do Sul temos o nascimento da Resistência Nacional Moçambicana - RENAMO – se colocando contra o socialismo e a Frelimo iniciando a Guerra Civil em 30 de maio de 1977. A RENAMO se organiza a partir de dissidentes da FRELIMO que deixaram de ter espaço quando se decidiu pela orientação marxista-leninista, por exemplo André Matsangaíssa, como aponta Maloa (2011, p.88),

No processo de luta armada os *revolucionários* alcançaram hegemonia na direção da FRELIMO, logo após o assassinato do primeiro presidente em 1969. A partir deste período, houve mudanças radicais na direção da FRELIMO. O movimento passou a ser dirigido por um conselho de presidência, composto por Uria Simango, Marcelino dos Santos e Samora Machel. Entretanto o grupo próximo a Uria Simango, foi expulso da fileira da FRELIMO, acusado de ser reacionário.

Durante o período da Guerra Civil o governo da Frelimo não obteve um controle efetivo fora das áreas urbanas, ficando isoladas da capital e estrategicamente foram cooptadas pela RENAMO que impediu uma aproximação do governo central. Referente a essa falha da Frelimo por ser um partido urbano percebe-se, “Seu erro, nosso erro, foi, a pretexto de luta contra a balcanização, não tomar em consideração este fato pré-colonial que é o territorialismo” (FANON, 2010, p. 185). A oposição inicia ações terroristas principalmente nas áreas rurais contra civis, o governo central na intenção de aumentar seu controle acaba também levando a violência. A Guerra Civil em Moçambique é a personificação de um conflito anterior a Independência e de caráter étnico que foi reivindicado pela RENAMO de forma central durante o conflito. Macagno (2005, p. 12) salienta que a RENAMO provinha do grupo étnico *ndau* localizado no centro do país e acusando a Frelimo de perseguição as etnias

do centro já que era apoiada pelas etnias do sul e norte do país. Como presidente, Samora Machel, junto com a elite da Frelimo, tentam enquadrar a identidade moçambicana dentro do projeto do homem novo.

Em 1980 com a independência do Zimbabwe (antiga da Rodésia do Sul) vai migrar para a África do Sul onde apoiava o regime do Apartheid, já que a Frelimo apoiava a ZAPU (União do Povo Africano do Zimbabwe) e a ANC (Congresso Nacional Africano) de Nelson Mandela. A RENAMO continua investindo e espalhando suas ações militares mesmo com as tentativas de negociação por parte do governo moçambicano. No ano de 1984 Machel assina o Acordo de Nkomati,

[...]em principio, previa que o governo moçambicano deixasse de apoiar o *African National Congress* em troca de o governo sul-africano deixar de apoiar a Renamo, esses documentos iam permitir comprovar que o segundo continuava clandestinamente, mas ativamente, a apoiar a Renamo com material bélico e não bélico (CAHEN, 2019, p.23)

Também assina o acordo com o Banco Mundial e FMI, desistindo do governo socialista para poder resolver questões econômicas do país. Em 16 de outubro de 1986 o presidente Samora Machel acaba por falecer em um acidente aéreo retornado da Zâmbia, além dele outros funcionários do governo também faleceram. Joaquim Chissano vai ser o sucessor no governo da Frelimo, trazendo reformas como mudança da ideologia marxista para a capitalista, iniciando negociações de paz com a RENAMO.

Em 1990 vai ser promulgada uma nova constituição que prevê um sistema multipartidário, economia de livre mercado e eleições livres. Durante a Guerra Civil, as contradições com relação ao projeto nacionalista ficam explícitas, levando o governo de cunho socialista ao declínio por causa das consequências da guerra, da fome, da crise econômica e descontentamento da população. Nos anos 1990, temos o fim do unipartidarismo e reabertura política em 4 de outubro de 1992 que é decretado o fim da Guerra Civil em Moçambique.

A literatura como memória coletiva

A historicização da literatura leva a compreender sua inserção no tempo e na sociedade em que foi produzida, recorrer a esse tipo de documentos nos proporciona conhecer o imaginário social, sendo assim um registro social que faz parte de uma memória produzida por seus agentes. Para Pollak (1989, p.3),

Na tradição metodológica durkheimiana, que consiste em tratar fatos sociais como coisas, torna-se possível tomar esses diferentes pontos de referência como indicações empíricas da memória coletiva de um determinado grupo, uma memória estruturada com suas hierarquias e classificações, uma memória também que, ao definir o que é comum a um grupo e o que, o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais.

Levando em consideração os pontos acima indicados, consideramos o romance *Ventos do Apocalipse* de Paulina Chiziane um produto da memória coletiva do povo moçambicano, com relação ao governo da Frelimo no pós-independência e durante a Guerra Civil. Szmidt (2010, p.6), salienta que a narrativa do romance traz à tona as tradições dos antepassados como forma de procurar e valorizar a cultura tradicional, criticando o projeto nacionalista, e explorando o realismo dos tempos de guerra. Referente ao projeto nacionalista, Chiziane (2010, p.165) coloca em cheque o conflito de identidade que se criou na população no pós-independência,

— A crise existe porque o povo perdeu a ligação com a sua história. As religiões que professam são importadas. As ideias que predominam são importadas. Os modos de vida também são importados. O confronto entre a cultura tradicional e a cultura importada causa transtornos no povo e gera a crise de identidade. Estamos tão sobrecarregados de ideias estranhas à nossa cultura que da nossa gênese pouco ou nada resta.

Demonstrando assim a ineficácia da tentativa de se construir uma consciência nacional importando ideias de contextos sociopolíticos diferentes, e tentar aplicar em uma sociedade híbrida que abriga diversos grupos étnicos. Também não se viam representados no homem novo e não conseguiam identificar pontos em comum, que fizessem criar o sentimento de pertencimento com a nova nação que a Frelimo tentava construir com bases no socialismo. Acrescentando, Tedesco (2010, p.85) diz que a narrativa representa as frustrações com relação ao projeto político idealizado durante os primeiros anos de consolidação do Estado Nacional, ficando claro que a identidade nacional não deve ser pensada de forma racional. Essa frustração pode ser compreendida como uma memória herdada,

É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada (POLLAK, 1992, p. 2).

Sendo assim, Chiziane escreve o romance a partir da memória herdada de forma individual e coletiva sobre os anos de governo socialista da Frelimo, já que não se faz literatura sem contato com a sociedade, cultura e história vivida. Na obra *Ventos do Apocalipse* a autora descreve as memórias da Guerra Civil de forma realista e naturalista e

rica em detalhes e emoções. Conforme as consequências da guerra vão chegando às regiões onde se passa a narrativa,

A desgraça penetrou em Mananga. Já se ouvem rumores da guerra em Macuácuá, mas ultimamente os roquetes de bazucas e rajadas de metralhadoras aproximam-se de Alto Changane. Já se ouvem notícias de camponeses mortos e capturados (CHIZIANE, 2010, p.35).

A autora continua adiante:

Vê pássaros lá no horizonte. São enormes, são velozes, parecem abutres. Fazem um ruído ensurdecedor e caminham em grupo de cinco. Voam cada vez mais baixo e dirigem-se em bando para as mesmas bandas. As matronas esquecem o parto por alguns momentos e olham para o céu. Não são pássaros, são aviões de combate, agora voam por cima das suas cabeças mais ameaçadores que os abutres (CHIZIANE, 2010, p.100).

Nesses trechos é representado como as comunidades rurais percebiam a chegada da Guerra Civil com medo do desconhecido, e muitas vezes não compreendiam os motivos desses acontecimentos. O conflito armado entre Frelimo e RENAMO durou 12 anos colocando em cheque as divergências com relação a nação que vinha sendo construída. Tedesco (2010, p.84) afirma que o conflito trouxe a público ações repressivas do governo por causa de práticas culturais ditas obscurantistas, no romance é representado pelo régulo Sianga que tenta através de rituais antigos reconquistar o poder. E reacendendo a discussão com relação às autoridades tradicionais em muitos casos se aliaram a RENAMO durante a Guerra Civil por terem sido excluídos no pós-independência conforme a citação a seguir,

Sianga é o cabecilha da conspiração, arrastando consigo os seis ex-súbditos mais devotos. Conhece-os bem. Passaram a mesma infância, e juntos fizeram armadilhas às lebres, fisgaram pássaros, e roubaram galinhas nas capoeiras da aldeia. Na adolescência unira-os o desregramento e a malandragem da idade. Quando Sianga ascendeu à posição de régulo, chamou-os ao seu reino. Que maior recompensa poderia dar aos seus compinchas senão nomeá-los ministros da sua corte? Quando os ventos da independência chegaram, juntos foram escorraçados, a vida fez o seu nó, unindo-os eternamente na alegria e na dor. (CHIZIANE, 2008, p. 30)

Com auxílio de Borges (2010, p.98) compreende-se o romance de Chiziane como uma representação social e histórica de Moçambique no pós-independência e durante a Guerra Civil. Faz parte da memória coletiva dos moçambicanos, construído com a manutenção dos hábitos e atitudes, sentimentos e pensamentos em comum, expectativas e esperanças que circularam na sociedade moçambicana e na sua história.

Considerações finais

Pensando com Fanon, foi possível realizar algumas aproximações com relação as desventuras do pós-independência em Moçambique que devem-se a três pilares, as

contradições existentes no projeto político nacional, perpassadas pela memória coletiva da Guerra Civil pois juntos ajudam a responder o porquê do fracasso do governos da Frelimo. O projeto do Homem Novo para a criação da identidade nacional em Moçambique, baseado no marxismo-leninismo com a intenção de extirpar tudo que lembrasse o período tribal e colonial, sem fazer uma adaptação a realidade híbrida moçambicana. O projeto nacionalista se transforma em uma doutrina partidária que vai acabar por esterilizar o sentimento de pertença, nessa tentativa o partido vai atuar de forma vertical, sem atender e a diversidade cultural e regional do território de Moçambique. Em meio as dificuldades causadas pela Guerra Civil viu-se no autoritarismo a saída para criar esse indivíduo consciente que o romantismo revolucionário de Samora Machel idealizava para a nova Moçambique.

O projeto nacionalista vai ser uma das principais causas da Guerra Civil iniciada pela RENAMO, composta por dissidentes e grupos contrários a Frelimo e de conflitos anteriores à independência. Esse conflito vai ter como causa central a questão étnica reivindicada pela RENAMO que acusava sua rival de perseguir as etnias localizadas no centro do país, que vai desestabilizar a ideia de “matar a tribo para fazer nascer a nação” tão desejada por Machel. A Guerra Civil vai deixar claras as lacunas existentes no projeto nacionalista, além da dificuldade econômica, fome e consequências da guerra que vai levar o governo socialista ao declínio.

O romance *Ventos do Apocalipse* de Chiziane representa aspectos vivos na memória do povo moçambicano com relação aos projetos nacionalistas, e Guerra Civil deixando explícitos os pontos que levaram à falência da tentativa de criar a consciência nacional em Moçambique. Que foi a importação de ideias que não contemplavam as exigências de uma população híbrida e com diversos grupos étnicos que possuem culturas diferentes não se identificando com projeto do Homem Novo. A narrativa traz as frustrações dos moçambicanos com relação ao pós-independência e Guerra Civil que a autora descreve sobre o medo que as comunidades rurais viviam conforme o conflito avançava, além de explicitar a repressão do governo e conflitos com as lideranças locais que apoiavam a RENAMO.

Referências

BASILIO, Guilherme. Samora Machel: O princípio do Homem Novo e seus significados. **Mulemba**. Rio de Janeiro: UFRJ, v.9, n.17. p. 112-121, jul/dez 2017. Disponível em: <https://www.revista.up.ac.mz/index.php/UDZIWI/article/view/173>> Acesso em: 15 de março de 2020.

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: algumas considerações. **Revista de Teoria da História** Ano 1, Número 3, p. 94-109. jun./ 2010. Disponível em:

https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/114/o/ARTIGO__BORGES.pdf> Acesso em: 12 de março de 2020.

CATROGA, Fernando. **Pátria, Nação e Nacionalismo**. Comunidades Imaginadas: Nação e Nacionalismos em África, (Org) TORRALBA, L.R, PIMENTA, F.T, SOUSA, J.S. (ORGs). Coimbra, 2008.

CAHEN, Michel. **Não Somos Bandidos**. A vida diária de uma guerrilha de direita: a Renamo na época do Acordo do Nkomati (1983-1985). 1ª edição, Lisboa: Imprensa das Ciências Sociais, 2019.

CHIZIANE, Paulina. **Ventos do Apocalipse**. 3ª edição, Maputo: Editora Ndjira, 2010.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. 1º reimpressão atualizada, Juiz de Fora: Editora UFJF, 2010.

MACAGNO, L. **Lendo Marx “pela segunda vez”: Experiência colonial e a construção da nação em Moçambique**. In: IV COLÓQUIO MARX E ENGELS, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UNICAMP, 11. 2005, Campinas. Anais. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2005, p. 1-17. Disponível em: <https://www.unicamp.br/cemarx/ANAIS%20IV%20COLOQUIO/comunica%e7%f5es/GT4/gt4m1c2.PDF>> Acesso: 15 de março de 2020.

MALOA, Joaquim Miranda. O lugar do marxismo em Moçambique: 1975 -1994. **Revista Espaço Acadêmico** – Nº 122 – Julho de 2011, ANO XI, p. 85-92. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/10413>> Acesso em: 15 de março de 2020.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf> Acesso em: 12 de março de 2020.

_____. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992, p. 202-212. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>> Acesso em: 12 de março de 2020.

PAREDES. Marçal de Menezes. A construção da identidade nacional moçambicana no pós-independência: sua complexidade e alguns problemas de pesquisa. **Anos 90**. Porto Alegre, v. 21, n. 40, p. 131-161, dez. 2014. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/46176>> Acesso em: 15 de março de 2020.

SZMIDT, Renata Díaz. **“O legado tradicional africano e as influências ocidentais: a formação da identidade e da moçambicanidade na literatura pós-colonial de Moçambique”**. In: Anais do CIEA7: Literaturas africanas entre tradições y modernidades. n.21. Lisboa. 2010. Disponível em http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/6739/6/Tese_ReconstrucaoHistoricaCabanagem.pdf.txt> Acesso em: 17 de março de 2020.

TEDESCO, Maria do Carmos Ferraz. Reconfiguração da moçambicanidade nos Romances de Paulina Chiziane e Mia Couto. **Revista Mosaico**, v.3, n.1, p.81-91, jan./jun. 2010. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3339/1/2008_MariadoCarmoFTedesco.pdf > Acesso em: 17 de março de 2020.